

São Paulo, 26 de novembro de 2012
O retorno do consumismo

Por Alexandre Yokote

Hoje é o Cyber Monday, mas ainda tem o residual do Black Friday, iniciativas e ações para aumentar o volume de comércio principalmente de bens de consumo como eletroeletrônicos e utensílios domésticos e vestuário. E até montadoras e distribuidoras de veículo entraram nessa também.

Daqui a poucos dias começa de novo as campanhas agora para o Natal, em janeiro começamos com as promoções e “saldões” de natal, seguido pelo Carnaval no Brasil e o Valentine Day no exterior, depois temos o dia das mães, dias dos namorados, férias de julho, dia dos pais e dias das crianças e recomeçamos tudo de novo. Ahhh, mais ainda tem o dias dos avós e alguém já deve ter lançado o dia dos sogros, o dia

Fora as ações setoriais do varejo, temos os próprios incentivos do Governo, como a redução do IPI, corte na taxa básica de juros (SELIC), campanhas de redução de juros e aumento de crédito nos bancos estatais (Caixa e Banco do Brasil).

Do lado dos fabricantes temos as “tão discutidas” obsolescência planejada e obsolescência percebida. De um lado aqueles atuando fortemente no design e ao seu lado aqueles atuando em simples upgrades de hardwares sem melhorias significativas, mas ambos aparentemente atuando em redução da vida útil real e percebida.

A inclusão social está sendo interpretada como acesso ao consumo, sem uma integração sustentável à ecoeficiência e desenvolvimento social, educacional e cultural. Isso é um grande desenvolvimento de passivo que estamos fazendo com a geração Y.

Crise... que nada. A recessão ainda está para estourar. A cultura consumista criada nos últimos 100 anos ainda está sustentando as corporações, mas já assistimos aumento da inadimplência e queda do poder de consumo nas tradicionais economias. Nós emergentes ainda estamos um passo atrás, mas parece que estamos seguindo para o precipício.

O volume de resíduos aumenta a cada dia e os recursos naturais ficam escassos. As dívidas aumentam e a insegurança socioeconômica cresce.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos, mesmo regulamentada, anda a passos lentos frente ao crescimento do consumo e geração de resíduos. Por isso que as poucas ações de grandes empresas aos clientes visando a redução de embalagens, reciclagem e eficiência energética e hídrica já são de grande valia, mas ainda assim é difícil ter que ficar descartado equipamentos de linha branca que começam a dar problema logo após o término da garantia e cuja manutenção de uma simples peça custa 10 a 20% de um produto novo (ex. válvula de segurança do fluxo de gás de um forno que deixa de funcionar, impedindo o uso do forno, custa quase R\$300,00).

Ainda temos a questão de infraestrutura de comércio defasada, principalmente no comércio pela internet, levando a recordes de reclamações no PROCON contra empresas de varejo por falha na entrega. Neste caso, o dinheiro flui do consumidor ao varejista, mas o consumidor acaba sendo um financiador da loja, pois recebe o produto após semanas ou meses após o pagamento.

A Política Nacional de Produção e Consumo Sustentável ou Plano de Ação ainda não é uma realidade concreta. Os ritmos das políticas de aumento de consumo ainda estão mais acelerado que as políticas socioambientais. O povo ainda pouco conhece as avaliações de ciclo de vida e rotulagens ambientais.

A Política de inclusão deveria olhar para a capacitação em produção sustentável e condições de consumo sustentável aos 6 bilhões da base, mas estes ainda vivem sem água, sem crédito, sem comida, sem educação.